

Ana Luiza Ribeiro Moreira

Psicanalista, graduada em Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida (UVA), pós-graduação em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) e especialista em Clínica Psicanalítica no Campo da Atenção Psicossocial da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Dayane Moraes de Oliveira Silva

Psicanalista, graduada em Psicologia pela Faculdades Integradas Maria Thereza (FIMT), pós-graduação em Psicanálise e Análise do Contemporâneo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS)

“[...] não há nenhum conselho que sirva para todos; cada um precisa tentar por si mesmo a maneira particular para se tornar feliz.”

Sigmund Freud.

1

CARREIRA: CAMINHOS E DESTINOS

A presente pesquisa consiste em um breve estudo, à luz da psicanálise, sobre a escolha de uma profissão por parte do sujeito, a influência dos pais, da sociedade e da cultura nesta decisão e alguns reflexos disso na carreira profissional.

As múltiplas possibilidades de escolha de uma profissão se estendem das carreiras mais antigas e convencionais para as mais recentes, atravessadas pela virtualidade como marca de seu tempo.

A partir de uma visão contemporânea, o emprego se constitui como um dos pontos centrais na vida do homem - concepção estruturada a partir da lógica capitalista tradicional que tem como objetivo descrevê-lo como uma

mercadoria, visando, prioritariamente, a produtividade e o retorno financeiro.

Há diferença entre emprego e trabalho? O que se escolhe quando se elege uma profissão? Como operam os fatores significativos no processo da escolha de uma profissão? Com o objetivo de fomentar uma discussão crítica acerca destes questionamentos, esta pesquisa apresenta como metodologia de estudo a revisão da literatura, percorrendo as concepções de carreira, de trabalho e de propósito de vida de alguns autores relevantes academicamente como os filósofos Michel Foucault e Mário Sergio Cortella e, sua ligação com os conceitos de desejo, alienação e separação elaborados por Sigmund Freud e Jacques Lacan à luz da teoria psicanalítica. No intuito de aliar teoria e prática, ao final, esta pesquisa apresenta um fragmento de caso clínico.

A TRILHA PROFISSIONAL

Desde o início da vida, a criança precisa cumprir um destino. Na relação com seus pais é lançada no campo da linguagem e, até certo ponto, orientada a cumprir uma série de obrigações previamente determinadas a fim de ser educada. A última etapa do ensino formal, caracterizada pelo período denominado Ensino Médio segundo a Base Nacional Comum Curricular das diretrizes do MEC (Ministério da Educação e Cultura), de 22 de dezembro de

2017, tem duração de três anos e seu principal objetivo é aprimorar os conhecimentos obtidos no Ensino Fundamental I e II, a fim de conseguir uma vaga numa universidade e, assim, construir aos poucos uma carreira de nível superior.

É nesse momento que o adolescente vive seu primeiro exercício do desejo como traço subjetivo em seu percurso acadêmico na direção da escolha da profissão. Mas essa decisão está marcada pelo desejo projetado de seus pais, e o que está em jogo para este filho é a correspondência deste desejo na intenção de ser amado por eles.

Ao término do Ensino Médio, o aluno que deseja ingressar na faculdade necessita, obrigatoriamente, realizar uma prova que varia dependendo da instituição que deseja cursar. Um dos cursos mais procurados como possibilidade de carreira é o curso de Medicina e, de acordo com o MEC, o curso contou com cerca de 1.583 vagas no ano de 2022, sendo um dos cursos mais concorridos no vestibular, cuja concorrência foi de 57 candidatos para uma vaga.

Porém, com o advento da tecnologia, as possibilidades de trabalho no meio digital se tornaram uma realidade e carreiras convencionais como a própria Medicina e o Direito não são mais escolhas óbvias. A virtualidade como um atravessamento contemporâneo representada pela internet e pelas redes sociais configuram um elemento novo que opera uma mudança de paradigma no momento da escolha

de carreira, possibilitando opções profissionais inéditas, como influenciadores digitais.

Ainda há muito a ser estudado, mas é algo que aponta para uma inquietação: quais fatores orientam as pessoas a enveredar por determinados caminhos e escolhas profissionais? O que se escolhe quando se elege uma carreira profissional?

Na obra do filósofo Michel Foucault encontram-se infindáveis referências relacionadas ao tema trabalho, ainda que indiretamente, pois o tema central de sua obra está atrelado às relações estabelecidas entre homem e instituição e como se dá essa dinâmica, destacando-se o caráter invisível do poder estabelecido nessas relações.

Foucault se interessou em estudar as variadas formas de subjetivação de modo que o poder invisível que a instituição estabelece sobre corpos promove um mecanismo de controle. Destaca-se nessa pesquisa a escola como exemplo desse recorte Foucaultiano para trazer o conceito de instituições de sequestro, onde os indivíduos são retirados do seu contexto social na intenção de terem suas condutas modificadas e moldadas, roubando do sujeito sua singularidade a fim de produzir uma sociedade de controle. Para o autor, a educação é compreendida como:

[...] o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo

de discurso; sabemos, no entanto, que na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais. Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo. (Foucault, 1971, p. 15).

Desse modo, a escola para Foucault opera como uma porta de entrada desse maquinário de produção de corpos dóceis. Os fenômenos que ocorrem nas relações de autoridade ali estabelecidas caracterizam um poder invisível presente na utilização de uniformes, padronização de condutas, exigências rígidas de comportamento, promovendo um aniquilamento subjetivo, uma extirpação daquilo que torna o sujeito um ser único, nomeada como mortificação do eu.

Sua crítica está no modo como o sujeito está inserido no laço social e a dinâmica de como este é marcado pelo poder. A partir desse enquadre, encontra-se uma convergência que contribui com este artigo, no qual trabalho e poder estão intrinsecamente atrelados e cujo efeito dessa relação produz a alienação. Na medida em que se faz necessário ingressar na escola para acessar a educação de maneira formal, torna-se uma realidade o processo de engessamento intelectual atribuído a rigidez da grade curricular, fato que limita o sujeito na descoberta de sua singularidade, de seus

interesses e aptidões, dificultando a construção de seu propósito de vida.

Uma outra perspectiva do conceito de trabalho e de motivação que orienta na escolha de uma carreira é apresentada pelo recorte feito na obra de Mário Sérgio Cortella, filósofo e educador cujo objeto de estudo está na formação e vida profissional na contemporaneidade. No livro "Qual é a sua obra?", o autor propõe uma reflexão a respeito do trabalho e os fenômenos que envolvem o tema. Parte então da análise da etimologia da palavra trabalho, originária do vocábulo latino *Tripalium*, referente a um instrumento utilizado para tortura que se configurava em três pedaços de madeira simultaneamente cruzados posicionados no pescoço a fim de provocar desconforto naquele em que era utilizado, tornando-se uma medida punitiva. Dessa forma, o trabalho é tomado como um elemento de ordem torturante e punitivo desde a era Medieval à escravista:

Etimologicamente, a palavra "trabalho" em latim é labor. A ideia de *tripalium* aparecerá dentro do latim vulgar como sendo, de fato, forma de castigo. Mas a gente tem que substituir isso pela ideia de obra, que os gregos chamavam de *poiseis* que significa minha obra, aquilo que faço, que construo, em que me vejo. A minha criação, na qual crio a mim mesmo na medida em que crio no mundo (Cortella, 2015, p. 21).

Para Cortella, quando o trabalho não pode ser apropriado como uma criação e produção subjetiva, ele produz alienação, de modo que não há ali uma identificação ou reconhecimento, configurando-se como um castigo. O trabalho enquanto obra promove ao sujeito um sentimento de realização na medida em que deixa marcas em seu tempo, sendo assim seu propósito de vida.

Em “Futuro de uma ilusão”, de 1927, Freud define conceito de trabalho como “a capacidade que os seres humanos adquiriram para dominar as forças da natureza e extrair desta seus bens para a satisfação das necessidades humanas” (p. 234). De modo que o homem cria um caminho inovador transformando seus conteúdos pulsionais através de uma elaboração psíquica chamada sublimação; sendo esta um mecanismo no qual desejos socialmente questionáveis são redirecionados para uma atividade moralmente concebível.

Assim, o trabalho se constitui como um desses processos de conversão, promovendo satisfação quando essa escolha se dá de maneira que respeite a singularidade do sujeito.

UMA VISÃO PSICANALÍTICA

A ideia de desejo suscita diversas questões filosóficas e psicológicas para o homem, sua relação com o mundo e com os outros ao seu redor. No contexto da psicanálise não é

diferente. A noção de desejo perpassa a constituição do sujeito, o desamparo fundamental no qual o humano nasce, ligado aos processos de alienação e a separação dessa figura que o amparou e cuidou.

O DESEJO

Freud, em “A interpretação dos sonhos”, de 1900, afirma que todo sonho é uma realização de desejo, sendo este produzido pelo material inconsciente recalcado, ou seja, penoso por ser infantil e incestuoso. Assim, pode-se perceber que o desejo está intimamente ligado à sexualidade infantil e, portanto, àqueles que fizeram a função materna e paterna na vida do sujeito.

Em “O Seminário, Livro 6: O Desejo e sua interpretação” datado de 1958-1959, Lacan marca a relação direta do desejo com a linguagem e a cadeia significante. Na obra, Lacan caminha na direção da falta de um objeto concreto que satisfaça totalmente e/ou complete o sujeito.

Verifica-se que o cerne da teoria psicanalítica, criada por Sigmund Freud, se estrutura a partir da posição que o sujeito ocupa frente àquele que dedicou todos os cuidados a esse ser a partir de seu nascimento, abarcando não só suas necessidades básicas para sua sobrevivência: alimentação, higiene, segurança, como afeto, amor, tempo,

projeções como um todo, denominado investimento libidinal na psicanálise. Essa figura com conotação salvadora na vida do sujeito tem um destaque e, na teoria psicanalítica, recebe o nome de grande outro ou Outro.

Freud por meio da observação de sua clínica fez uso do mito da tragédia grega de Sófocles, Édipo Tirano, para postular a base de sua obra: o amor que todo filho sente por sua mãe ou aquele indivíduo que faz a função materna; e a ira e vontade de aniquilar o pai, ou aquele que, de alguma maneira, desvia a atenção da mãe, fazendo barreira a essa relação una.

Do conflito incestuoso – amor e ódio por seus progenitores –, o sujeito se divide entre aquilo que quer e sua interdição, já que ter sua mãe única e exclusivamente para si, em uma relação simbiótica, se mostrou impossível. Dessa forma, o desejo advém da dúvida do lugar desse sujeito no desejo do Outro: se ele não completa essa mãe, se ela se interessa por outras coisas além dele, onde ele está no desejo dela? Que posição ele precisa ocupar para ser olhado, querido e amado? Que outras coisas são essas que ela deseja?

O enigma que surge sobre o próprio desejo dessa que faz a função materna na vida desse sujeito o liberta pois, em uma via de mão dupla, se ele não completa essa mãe, ela também não o satisfaz inteiramente. Diante disso, a marca dessa falta, nomeada de castração por Freud em “O declínio

do complexo de Édipo”, de 1924, inaugura uma busca contínua e incessante por algo e/ou alguém que tente suturar a divisão subjetiva marcada na psique do sujeito, fato que movimenta e se faz imprescindível na manutenção da vida.

É nesse contexto que a escolha por uma profissão se mostra como uma dessas possibilidades de satisfação e completude: decisão intrinsecamente associada à relevância que a cultura atribui a cada especialidade e às projeções que as figuras parentais direcionam ao sujeito – característica do processo de alienação constitutivo de todos os seres humanos.

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO A PARTIR DOS PROCESSOS DE ALIENAÇÃO E SEPARAÇÃO

Lacan, no decorrer de seu ensino, desenvolve uma topologia para tentar dar conta da constituição do sujeito, e, em 1964, em “O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, apresenta duas operações essenciais em que se funda o sujeito, a saber, a alienação e a separação.

Filosoficamente, Hegel (2008) foi o primeiro a utilizar o termo “alienação”, relacionando-o com a transferência das potencialidades do indivíduo para os objetos que o mesmo

produz. Nesse processo, a pessoa ficaria alheia a si mesma, criando uma espécie de vazio existencial na objetificação do sujeito, na transformação dele em coisa. Lacan não se desvia muito da concepção de alienação de Hegel no tocante a delegação de si, porém, não para um objeto e sim para alguém. Na visão do psicanalista, a alienação é uma escolha forçada na busca pela sobrevivência do sujeito que, ao nascer no completo desamparo, depende de um outro, normalmente a mãe, para se constituir.

No tocante à separação, pode-se entendê-la como o ato de dividir, uma desunião. Na teoria psicanalítica, sua concepção não se desvia muito de tal noção, mas alude à dificuldade de concretizá-la por parte do sujeito, já que a angústia do desamparo fundamental e a dependência do Outro em sua constituição são características inerentes do ser de linguagem.

A partir do momento que nasce, o ser humano está inserido no mundo da linguagem, diferente de outros animais. Isso representa para ele uma infinidade de possibilidades que vão fazer dele um ser único, singular. Porém, para se tornar um ser falante, o bebê precisa se alienar aos elementos projetivos que vêm do outro; primeiramente aquele que desempenha a função materna em sua vida. Esse, que é o primeiro laço do sujeito, aponta para o desamparo inerente à própria constituição do humano, já que sozinho o sujeito não consegue sobreviver.

Desse modo, a alienação se apresenta como uma escolha forçada, única opção que coaduna com a vida. Lacan, em 1964, em “O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, reitera que morrer seria a liberdade de escolha, pois, viver significa a alienação ao Outro; a liberdade é sempre restrita quando a vida é a opção.

Assim, a fragilidade dos filhos percebida pelas figuras parentais e o foco nos cuidados pela sobrevivência misturam-se com os ideais desses pais, que depositam na criança não só sua continuação existencial, como também a concretização daquilo que desejavam ser, desejavam construir, desejavam alcançar. Freud denominou como narcisismo primário as expectativas e sonhos que esses progenitores deixaram escapar e agora projetam na criança: “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (Freud, 1914, p. 25-26).

Diante do exposto, a segunda operação na constituição do sujeito, denominada por Lacan como separação, marca a subjetivação da criança no desejo da mãe:

Essa subjetivação consiste, simplesmente, em instaurar a mãe como aquele ser primordial que pode estar ou não

presente. No desejo da criança, em seu desejo próprio, esse ser é essencial. O que deseja o sujeito? Não se trata da simples apetência das atenções, do contato ou da presença da mãe, mas da apetência de seu desejo (Lacan, 1957-1958, p. 188).

A partir da questão sobre o desejo do Outro, a mãe pode introduzir o pai em sua fala - uma barreira nessa relação até então exclusiva entre a mãe e o filho. Na medida em que essa mãe passa a ter outros interesses para além dessa criança (tais como vida social mais ativa, hobbies, retorno ao trabalho), o filho consegue ver a mulher para além da mãe, marcando sua separação desta. Mas, a relação alienante deixa marcas, levando o sujeito, através de sua própria interpretação, a se posicionar em algum lugar e ali ficar, desejando o desejo daquele que ama, buscando, com isso, também ser amado.

Com a intenção de ilustrar na prática os conceitos acima abordados, segue um fragmento de um caso clínico.

CASO CLÍNICO

Antonella é uma mulher de 33 anos que chega para sua primeira sessão se queixando de desânimo, principalmente em sua prática profissional, e grande dificuldade nos relacionamentos amorosos: *“já me disseram que sou muito arisca”*. Conta que sua família mora em Santa Catarina,

mas que ela se mudou para o Rio de Janeiro há 6 anos, quando foi fazer sua residência em dermatologia: *“mesmo depois que terminei minha especialização decidi ficar por aqui, queria me tornar mais independente dos meus pais, construir meu próprio caminho”*.

A paciente passou os três primeiros anos da residência trabalhando em três estados diferentes (Santa Catarina, Minas Gerais e Rio de Janeiro) dando plantões os sete dias da semana, sem nenhuma folga. Quando relembra a loucura que era sua rotina na época, não consegue explicar como seu corpo aguentou esse ritmo, mas aponta: *“minha cabeça não estava bem, vivia prostrada e não era só fisicamente; comecei a perder o cabelo, tive uma alopecia horrível, minha terapeuta disse que eu estava em depressão e me encaminhou para um psiquiatra”*. Antonella conta que foi uma surpresa tal diagnóstico ser confirmado pela médica, pois não se sentia triste, chorosa ou apática - sintomas que ela acreditava serem essenciais em pessoas com depressão.

Durante a sessão, quando questionada, começou a analisar o motivo desse excesso de trabalho, a necessidade de tantos plantões em lugares tão diferentes e distantes, e a abdicação de momentos de folga: *“meus pais faziam questão que eu voltasse para minha cidade e estivesse com eles. Minha saída de casa foi bem difícil, minha mãe sofreu muito... Quando peguei o plantão em Santa Catarina, ela*

vibrou". Sugere que os empregos nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro eram para garantir sua difícil, mas desejada, saída de casa, o que marca a importância de se sentir livre e de sua busca pelo que seria só seu. Dessa forma, Antonella aponta seu conflito psíquico: decepcionar os pais, principalmente a mãe, com sua partida, versus seu desejo de trilhar seu próprio caminho, fazer as suas escolhas.

Nessa época, junto com a depressão, a perda de cabelo e outros sintomas, vieram as medicações, a intensificação do acompanhamento psicológico em conjunto com o atendimento psiquiátrico. Ela diz que se viu obrigada a diminuir o ritmo de trabalho, precisou fazer escolhas e, dentro de sua lógica, *"o óbvio seria eu ficar apenas com os plantões no Rio de Janeiro, cidade onde eu morava e tinha minha residência"*. A resolução de seu conflito veio em forma de adoecimento. Agora, frustrar os pais não era uma escolha dela na busca do que desejava, mas uma necessidade para recobrar sua saúde física e mental.

No decorrer dos atendimentos, Antonella vai destrinchando sua trajetória acadêmica até a medicina. Conta que o pai sempre fez questão que suas duas filhas, ela e sua irmã mais velha, Vitória, se dedicassem exclusivamente à escola, afirmava constantemente a importância do saber, do conhecimento e de ter um diploma em mãos, já que ele começou a trabalhar cedo,

interrompendo os estudos ainda muito jovem, não completando nem o ensino fundamental. *“Meu pai dizia que as pessoas te olham diferente, respeitam muito mais aqueles que fizeram uma faculdade, independente da condição financeira”.*

Carlos, pai da paciente, apesar da pouca instrução, consequência da evasão escolar, galgou um caminho profissional de sucesso. De ajudante em uma pequena propriedade rural passou a administrador, sócio e finalmente proprietário de suas terras. Sua estabilidade financeira serviu de esteio para que exigisse das filhas dedicação total aos estudos, incluindo seu desejo de que ambas optassem por profissões bem quistas no mercado de trabalho. Coincidentemente, Antonella e sua irmã, ao término do ensino médio prestaram vestibular para medicina.

A paciente aponta que gostava das aulas da faculdade, mas que nada chamava muito sua atenção, fato que dificultou sua escolha por uma especialização. Relata que em sua infância, perpassando, em seguida, pela adolescência, acompanhava sua mãe a salões de beleza, tratamentos estéticos, academias e por vezes, aderida a dietas bem restritivas em prol de um padrão de corpo magro e bem-visto socialmente. Em análise, reflete: *“no final das contas, acho que escolhi dermatologia porque tem um retorno financeiro bom, além do status, do reconhecimento social”.*

Porém, apesar de ganhar bem, Antonella marca que está sempre cansada, desanimada e que não tem vontade de estudar nada relacionado a sua área. Queixa-se de uma fadiga permanente e uma rotina extenuante de trabalho.

Em uma de suas sessões, a paciente relembra sua aptidão por trabalhos manuais; conta que quando criança adorava as aulas de artes, as brincadeiras com argila e, com o passar do tempo, irrompeu um grande interesse por temas relacionados à decoração. Era ela quem escolhia peças, quadros e louças para a casa dos pais e, quando sua irmã se casou, pediu a ela um auxílio na compra de obras de arte para seu novo lar.

Um dia, Antonella chega radiante para o atendimento: *“tenho uma novidade, Ana, comecei a fazer aulas de cerâmica, um desejo tão antigo... nunca me matriculei, não sei por quê”*. Neste momento, uma mudança começa a ocorrer em sua rotina; ela chega do trabalho e vai produzir suas peças, de início contando com a ajuda do forno de sua professora. Mas a confecção, que antes se restringia ao seu arsenal, se estendeu para membros de sua família e amigos. Diante disso, Antonella decide investir em seu próprio forno e a produção vai aumentando cada vez mais.

As queixas de cansaço, fadiga e exaustão deixam de aparecer em seu discurso e, mesmo adentrando as madrugadas em dias que chegava mais tarde de seus plantões, uma disposição toma conta dela. Antonella fala da

nova atividade com muito carinho e aquilo que parecia a descoberta de um hobby, vai se mostrando mais do que isso.

O final de ano vai se aproximando e com ele as festas, confraternizações e presentes. Antonella vai recebendo cada vez mais encomendas, agora dos conhecidos da família, amigos dos amigos e pessoas que ela mesmo não conhece. O tempo que dedica à criação das peças vai ficando apertado para o volume de pedidos e ela toma a decisão de diminuir sua carga horária nos plantões e na clínica. A medicina vai perdendo espaço para a cerâmica e seu desejo vai se materializando em arte.

Uma transição de carreira vai se delineando e, mesmo em meio a dúvidas e questionamentos por parte de sua família, a pressão de uma sociedade que em sua cultura carrega conceitos pré-estabelecidos sobre profissões de sucesso, e a insegurança do desconhecido, Antonella escolhe investir nisso que está pulsando dentro dela, um prazer que não havia sentido ainda em seu caminho na medicina, uma energia: *“Ana, nunca me senti tão viva, uma força, uma disposição... É uma mistura de medo e felicidade ao mesmo tempo”*. Em meio a aposta de um novo caminho, surge um sujeito desejante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da dialética emprego e trabalho, destaca-se uma diferença marcante que se configura na concepção de emprego como aquisição de renda, fonte de subsistência, de sobrevivência e retorno financeiro. Em contrapartida, a lógica do trabalho caracteriza-se pela magnitude do feito, pois está diretamente ligado à obra que ficará eternizada no próprio sujeito e no percurso que este trilhou como sua marca subjetiva, única, singular.

A escolha profissional que poderá proporcionar ao sujeito a sensação de satisfação se dá de forma multifatorial e está intrinsecamente ligada à própria história do sujeito; esta, alicerçada de maneira transgeracional pelas experiências e expectativas de seus pais e os costumes e crenças de seu povo.

O ser humano, enquanto sujeito constituído por meio das relações, é marcado pelo outro. No entanto, o processo de alienação se abrande no momento em que este outro se lança em novas direções, abrindo espaço para que ambos possam desejar mais, além.

Como desdobramento dos apontamentos dessa pesquisa fica a reflexão do modo pelo qual a subjetividade do sujeito é atravessada pelos elementos de sua vida cotidiana e a importância de sua apropriação como sujeito de desejo,

singularizando suas escolhas tal como um artesão forjando sua própria obra.

Referências

Cortella, M. S. (2015). Qual é a tua obra?: Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 24. ed. Petrópolis: Vozes.

Foucault, M. (1971). A ordem do discurso (pp.1-29) (E. Cordeiro & A. Bento, Trad). Paris: Éditions Gallimard. Disponível em: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/ordem.pdf>. Acesso em: 19 de abr. 2023.

Freud, S. (1996). A Interpretação dos Sonhos (I) (1900). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud v. 4. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (2010). Sigmund Freud Obras Completas: Introdução ao Narcisismo (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2010). O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2018). Amor, sexualidade, feminilidade. São Paulo: Autêntica Editora.

Freud, S. (2020). Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos. São Paulo: Autêntica Editora.

Hegel, G.W.F. (2008). Fenomenologia do espírito.5. ed. Rio de Janeiro: Vozes.

Lacan, J. O. (1999). Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente. São Paulo: Zahar.

Lacan, J. O. (2016). Seminário, Livro 6: o desejo e sua interpretação. São Paulo: Zahar.

Lacan, J. (2008). O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. São Paulo: Zahar.

Ministério da Educação e Cultura. (2017). Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 05 de abr. de 2023.

Ministério da Educação e Cultura. (2018). Estatísticas. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/171-conhecaomec-1447013193/estatisticas-755338083/208-estatisticas>. Acesso em: 18 de dez. 2022.